

## A relação entre cristianismo e platonismo nos Sec. I-II

The relationship between  
Christianity and Platonism  
in the I-II Centuries

*Gustavo Vargas de Oliveira<sup>1</sup>*

**Resumo:** O cristianismo em suas origens foi um movimento que usufruiu de pensamentos filosóficos da época, dentre muitos os pensamentos ele se apropriou sobremaneira do pensamento platônico, este o ajudou a caminhar em meio a uma cultura fortalecida e estruturada por pensamentos de cunho filosófico, em meio a essa cultura o cristianismo foi criticado e questionado, e para resolver tais questões a filosofia platônica foi muito importante e crucial, de modo que através dela foi mais fácil para o cristianismo se comunicar de modo relevante e inteligível a cultura da época, fazendo-se assim compreensível por todos de modo mais simples e fácil por ser usado por ele ferramentas platônicas para defesa e para proclamação da fé, no entanto, o pensamento platônico também surtiu influencia negativo na teologia cristã, o dualismo platônico corrompeu algumas verdadeiras concepções cristãs a respeito de alguns assuntos, trocando assim sua verdadeira mensagem por outra falsa em relação a alguns assuntos.

**Palavra-chave:** Cristianismo, Platonismo, influências.

**Abstract:** Christianity in its origins was a movement that enjoyed the philosophical thoughts of the time, among many the thoughts it appropriated most of the platonic thought, this helped him to walk in the middle of a culture strengthened and structured by philosophical thoughts, in Throughout this culture Christianity was criticized and questioned, and to solve such questions the Platonic philosophy was very important and crucial, so that through it it was easier for Christianity to communicate in a relevant and intelligible way the culture of the time, if so comprehensible by all in a simpler and easier way because Platonic tools are used by him for defense

---

Artigo recebido em: 17 jun. 2017

Aprovado em: 16 out. 2017

<sup>1</sup> Gustavo Vargas de Oliveira, Bacharelado em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória (FUV).

and proclamation of the faith, however, Platonic thought also had a negative influence on Christian theology, Platonic dualism corrupted some true Christian conceptions about it of some subjects, thus exchanging his true message for another false in relation to some subjects.

**Keyword:** Christianity, Platonism, influences.

## Introdução

O cristianismo em suas origens foi marcado e caracterizado por ser um movimento muito plural e diversificado, ele se apropriou de perspectivas que o ajudaram a caminhar em meio a cultura da época sem se dissolver, permitindo assim seguir-se entendido pela sociedade por meio de ideias e linguagens que o apoiou tanto em sua mensagem (kerygma) como em sua defesa de fé (apologética).

Há uma imensidão de perspectivas que podemos trilhar para identificar quais pensamentos e quais pensadores que serviram de suporte auxílio para o cristianismo das origens, foram várias filosofias, no entanto será observado e grifado aqui em particular mais estritamente sobre a influência do pensamento platônico no cristianismo, e uma breve análise sobre suas implicações positivas e negativas geradas por essa influência.

## O encontro entre o pensamento cristão e o pensamento platônico

Mesmo Platão tendo falecido no ano de 347 a.C. ele deixou algumas obras vivas que tratavam de diversos assuntos e que continuavam vivas mesmo através do tempo, tais obras foram relevantes e marcantes para o pensamento grego, e com o helenismo marcou a cultura e o imaginário popular de algumas gerações que foi até o nascimento do cristianismo. É nesse mundo então que o pensamento de Platão se encontrou com o cristianismo, encontro esse que não foi impossível de se evitar, pois o platonismo já era conhecido e estava presente nesses tempos, logo o cristianismo também foi ficando conhecido pela cultura da época, e por isso ambos os pensamentos se encontraram, se conheceram e se tornaram íntimos. Houve uma influência e uma troca de perguntas e respostas entre eles, e logo os pensamentos cristãos e platônicos se tornaram amigos, (prefere-se amigo do que servo) e passaram a andar de mãos dadas em praças públicas e em vias públicas (o uso do pensamento platônico pelo cristianismo era usado publicamente, assumido e reconhecido com facilidade, sem maquiagem). É claro que essa relação não para por aqui, até hoje no século vinte há resquícios da influência

desses pensamentos (desse encontro) que continua a marcar a espiritualidade cristã.

A filosofia Platônica foi uma grande companheira do cristianismo, ambas andaram juntas de mãos dadas, embora em certas horas houve troca de tapas e beijos, foi inevitável, pois cada uma possuía certas convicções que contrariavam uma a outra, eram opostas, e então nesse ponto se separavam, no entanto o cristianismo soube lidar com as diferenças, ele se apropriou apenas do que convinha, ou com o que ele pensava que convinha, e com o que lhe era tido como benéfico, como escudo da fé, isto é, para sua defesa de fé, entre outras coisas.

Ao fazer a análise sobre a relação entre a filosofia platônica e o cristianismo Chistopher diz:

Platão é provavelmente o maior dos filósofos gregos. Ele deu, inquestionavelmente, a maior contribuição para teologia cristã. Não que ele próprio tenha pretendido expor um sistema ou doutrina; seu gênio está antes em propor questões profundas e de grande alcance, num estilo informal, mas com um mínimo de termos técnicos. Para algumas dessas questões ele deu respostas definidas; em muitos casos ele contentou com demonstrar a complexidade de um problema e as considerações que se deve ter em mente, em parte como exercício de discussão racional, mas principalmente a partir de uma concepção profundamente séria da dificuldade de atingir a verdade completa, e da aversão por soluções precipitadas.<sup>2</sup>

Vemos assim pelo olhar de Chistopher a importância do platonismo para os pensadores cristãos, o pensamento platônico surtiu contribuição marcante no cristianismo mesmo sem ter sido construído por Platão com esse interesse. Observemos agora de modo mais estrito em tópicos sobre essa influência.

## **A apropriação cristã do pensamento platônico**

Teologia, ela que é conhecida como a ciência encarregada do estudo sobre Theos, (Deus) seus atributos, sua vontade, seus ideais, suas manifestações e sua relevância na vida social e comunitária.

---

<sup>2</sup> STEAD, 1999, p.23.

Assim, essa palavra indica o estudo das coisas relativas a Deus, à sua natureza, obras e relações com os homens, etc.<sup>3</sup> Essa mesma palavra que dá nomes a cursos oferecidos para o público cristão com o propósito de aperfeiçoar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado Ef 4:13, é hoje usada e aceita no vocabulário cristão como legítima e aceitável, e uma coisa interessante a respeito disso é que ela talvez seja um dos melhores exemplos que podemos citar a respeito da apropriação cristã de termos platônicos da época para construção de ideias e de linguagem, pois a palavra teologia foi usada pela primeira vez por Platão, foi ele quem a criou<sup>4</sup> embora a tenha usado não da mesma forma como é usada pelo cristianismo, mas de forma como teoria mítica a respeito dos deuses, ela era identificada também como mitologia, por isso a resistência cristã em usá-la.<sup>5</sup>

A filosofia platônica não só permitiu a adoção da palavra teologia pelo cristianismo, mas como filosofia ajudou o cristianismo a usar da ferramenta da razão como instrumento de defesa e de enriquecimento para a construção de seus pensamentos, vejamos como isso funciona. A filosofia platônica carregava conceitos que ajudaram o cristianismo a se firmar como uma religião que possuía certa forma lógica, assim ela ensinou o cristianismo a se sistematizar, e a procurar e encontrar razões e respostas que dão sentido as suas convicções. Embora a filosofia parta do princípio da razão, da especulação, investigação, enquanto o cristianismo parta do princípio da revelação, da fé, foi preciso que mesmo que o cristianismo tenha ponto de partida diferente da filosofia, que ele superasse isso, e que ele tivesse que se apropriar dos benefícios da razão para construção de seu pensamento, sem deixar de partir da fé como base e estrutura de tudo, logo, ele se apropriou da filosofia, que o ajudou e o ensinou melhor do que ninguém a agregar a razão a sua fé, juntamente com o sentido lógico, e é com essa junção que nasce a teologia, pois este é o processo principal para sua formação, a junção entre fé e razão, ou se preferir, nas palavras de Clodovis Boff: Quando a fé seduz a razão aí nasce a teologia.<sup>6</sup>

Também não apenas o termo teologia foi adotado pelo cristianismo, mas também um outro termo muito usado que é a palavra conversão, palavra essa que não apareceu primeiramente nos lábios do profeta Jesus de Nazaré ao convocar todos ao

---

<sup>3</sup> CHAMPLIN, 1991, p. 465.

<sup>4</sup> KONINCK, 2009, p. 20.

<sup>5</sup> PANNENBERG, 2008, p.20.

<sup>6</sup> BOFF, 1998, p. 26.

arrependimento, mas que já havia sido extraída por Platão e usada pelos filósofos da época. Por isso afirma Werner Jaeger:

Mesmo a palavra "conversão" é extraída de Platão para adotar um significado filosófico de mudança de vida em primeiro lugar. Muito embora, a aceitação disso tivesse muitos motivos, o kerygma cristã fala da ignorância dos homens e promete dar-lhes um conhecimento melhor e, como as filosofias, ele se refere a um mestre e professor que possuiu e revelou a verdade. Essa revelação paralela entre filósofos gregos e os missionários cristãos levou esses últimos a aproveitá-la a seu favor.<sup>7</sup>

Esse texto deixa bem claro que assim como Platão usava a palavra com um significado diferente do cristianismo, esse a incorporou em seu vocabulário como ferramenta missionária de linguagem, enriquecendo o kerygma e o fazendo mais inteligível e acessível a compreensão popular da palavra pregada.

No século 2<sup>a</sup> as filosofias carregavam consigo uma explicação a respeito da criação do mundo, isso foi importante e marcou a cultura e a sociedade da época, pois as pessoas pertencentes dessas sociedades aderiam sempre uma explicação a respeito da existência do mundo, de sua origem, de sua criação. Estóicos, epicureus, aristotélicos, platônicos e entre outras correntes de pensamentos possuíam cada uma a sua visão e sua perspectiva, e mesmo assim entre elas havia singularidades e algumas semelhanças, mas mesmo assim podemos notar que havia uma imensa pluralidade de cosmovisões a respeito desse assunto, e por estar localizado nesse ambiente o cristianismo também foi questionado a responder tal questão que já era na época refletida por várias correntes de pensamentos.

A teologia então se dispôs a responder essa questão, e foi usada por ela também o pensamento de Platão. Platão acreditava em um Artífice (que o cristianismo vai interpretar como Deus) que criou o mundo, e sobre ele Platão vai dizer:

Dissemos que tudo o que é gerado necessita ter sido gerado por uma causa. No entanto, é muito laborioso encontrar o produtor e Pai deste universo, e, uma vez encontrado, é importante falar dele para todo o mundo. A respeito do universo deve-se perguntar: Foi contemplado qual dos exemplares

---

<sup>7</sup> JAEGER, 2014, p. 19.

que aquele que fabricou o Universo fabricou? O exemplar que é sempre do mesmo modo e idêntico ou aquele que é gerado? Ora, se este mundo é belo e o Artífice é bom, é evidente que ele contemplou o exemplar eterno; se, porém, o Artífice não é bom (o que nem sequer deveria ser dito), ele contemplou o exemplar gerado. É evidente, contudo, que ele contemplou o exemplar eterno: com efeito, o Universo é a coisa mais bela de todas as que foram geradas, e o Artífice é a melhor das causas.

Podemos perceber que Platão descreve certos aspectos à respeito do "criador" que se assemelha muito com a perspectiva cristã da criação, não é por acaso que alguns ao notarem tais informações começaram a refletir sobre a possibilidade de não ser esses pensamentos a verificação e comprovação prática, explícita da veracidade de alguns registros bíblicos, como por exemplo Rm1:19-20 que afirma que Deus se fez conhecido através da própria criação, e que através da criação os seus atributos são revelados. A respeito dessa possibilidade Pannenberg cita a afirmação de Agostinho a respeito de seu pensamento quanto aos escritos platônicos:

Assim, o que é possível conhecer, naturalmente os platônicos conheceram; Deus revelou-o, pois, desde a criação do mundo, os olhos da inteligência vêem, no espelho das realidades visíveis, as perfeições invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua divindade (V1116)."... " Nenhuma se aproxima da nossa mais do que a doutrina de Platão" (V111,5).<sup>8</sup>

Não só Agostinho, mas também Justino de Roma observa as afinidades existentes entre a doutrina cristã e o pensamento platônico em relação a criação, ele confessa isso questionando o ódio existente contra os cristãos da época:

Por fim, se há coisas que dizemos de maneira semelhante aos poetas e filósofos que estimais, e outras de modo superior e divinamente, e somos os únicos que apresentamos demonstração, por que se nos odeiam injustamente mais do que a todos os outros? Assim, quando dizemos que tudo foi ordenado e feito por Deus, parecerá apenas que enunciamos um dogma de Platão.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> PANNENBERG, 2008, p. 37.

<sup>9</sup> JUSTINO, 1995, p. 37-38.

Portanto, vemos que existiam os textos filosóficos sobre tudo platônico da época que eram parecidos com os textos bíblicos e eram vistos pelos cristãos como parecidos com a verdadeira revelação divina das escrituras por eles usadas, e assim algumas dúvidas surgiram, bem registrou elas Werner Jaeger ao escrever sobre algumas dúvidas dos cristãos da época quanto ao conteúdo de tais textos:

Por outro lado, aquele que tinha uma vez crido em Platão e Pitágoras como os fortes bastiões de toda filosofia e valores espirituais, como Justino os chama em seu diálogo com o velho estrangeiro no deserto, será levado a certas conseqüências em relação as suas próprias opiniões quanto à providencia divina na história. Havia Deus se revelado apenas aos judeus na Lei e nos profetas? Será que Paulo já não havia reconhecido, na sua Epístola aos Romanos, a contribuição dada pela sabedoria pagã à causa da verdade?<sup>10</sup>

Por essa semelhança e por essa afeição pelos escritos filosóficos da época pelos cristãos, é que podemos perceber como os textos filosóficos da época, sobre tudo platônicos, eram queridos pela mentalidade cristã, os cristãos possuíam grande apreço por esses escritos, mas mesmo sendo muito parecidos, e apesar das semelhanças, os textos não eram tratados como textos canônicos, o que eles faziam era se apropriar das partes dos textos que convinham e eram coerentes com a sua fé, quando ambos se chocavam o texto bíblico apostólico ganhava supremacia e era preferível a despeito do outro. Mas mesmo através das divergências e das diferenças os cristãos souberam lidar muito bem com isso, vemos outro exemplo disso na visão de Christopher:

Durante séculos a ontologia platônica se mostrou um apoio valioso para os filósofos cristãos, e os cristãos acabaram dependendo dela e tomando-a como certa. Mesmo assim vale lembrar que ela não fazia parte da mensagem original de Cristo ou de seus opositores. Ela foi um presente do céu para a igreja, seja por feliz acaso ou, literalmente, por um designo divino. Algo que podia ser adotado e usado

---

<sup>10</sup> JAEGER, 2014, p. 48.

e, por fim, penetrou toda a estrutura da ortodoxia crista.<sup>11</sup>

A demonologia também foi assunto questionado na época, existiam algumas correntes filosóficas e religiosas que afirmavam crenças em seres espirituais maus, que existiam mesmo não sendo visível, assim, a teologia então deu algumas explicações a respeito disso, e é claro, por já existir essa crença em seres espirituais malignos, isso favoreceu o cristianismo a defender a sua visão a respeito desses seres e de suas manifestações em meio ao mundo, não só isso, mas também aproveitou e demonstrou a sua fé no Ser que despojando as autoridades e poderes malignos, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre todos eles na cruz (Cl 2:15) além de identificar o "problema" que também causa o mau, o cristianismo oferece a "solução", que é Jesus Cristo, o filho de Deus. Vamos agora observar pela ótica de Helmut Koester de como foi a participação do pensamento platônico em relação a formação desses pensamentos, que mais tarde surtiu efeito pelo pensamento cristão, que se dispôs a propor a sua opinião sobre a questão:

Platão já havia sugerido que os daimones eram seres intermediários, capaz de comunicar-se com os seres humanos em nome dos deuses. Ele também admitia diferentes categorias de demônios, que agiam tanto no reino dos céus, ou no ar, quanto no reino do espírito, ou na alma humana. Xenócrates (morreu a.C. 315) acrescentou a distinção entre demônios bons e maus, estes assombrando os reinos sublunares. Esse conceito deu legitimidade filosofia a crença populares muito difundidas, contribuindo assim na sua posterior propagação na literatura filosófica e teológica.<sup>12</sup>

Através disso vemos que a filosofia platônica preparou um solo fértil para a semente da teologia, pois com a sua visão embora um pouco ofuscada, embaçada a respeito do assunto, isto é, que ela não estava totalmente certa, esta, já havia implantado no imaginário da cultura popular a existência destes seres malignos espirituais, e é aí que a teologia aprimorou esse pensamento e inseriu sua perspectiva com clareza, fazendo com que fosse aceito por esse solo a semente, e assim germinado e crescido, mas não de forma passiva, pois ela também contribui não só cooperando para difusão do pensamento de

---

<sup>11</sup> STEAD, 1999, p.224.

<sup>12</sup> KOESTER, 2005, p.148.

seres espirituais malignos etc., mas também ajudando-o a defender tal verdade, segundo como foi dito anteriormente por Chistopher

...a maior parte dos cristãos citavam Platão apenas onde aparecesse que ele confirmava doutrinas estabelecidas da igreja. A realidade de Deus, sua criação e providência, *as potestades celestes*, a alma humana, seu aperfeiçoamento, sobrevivência e futuro julgamento, tudo isso podia ser sustentado por meio da escolha apropriada de textos Platônicos. (Grifo nosso).<sup>13</sup>

Percebe-se que o platonismo contribuiu não só influenciando o imaginário popular a respeito de seres espirituais malignos, mas também fornecendo textos filosóficos que apoiaram o pensamento cristão na defesa da existência desses seres.

Até agora analisamos a influência platônica apenas por um viés positivo e enriquecedor na teologia cristã, mas a história também nos informa que a influência desse pensamento transmitiu algumas perspectivas erradas e equivocadas a respeito de alguns assuntos, como por exemplo em relação ao homem, corpo, alma, mundo, coisas terrenas etc., que acabou sendo absorvida pela teologia e prejudicado sua visão ofuscando-a e a atrapalhando-a de enxergar coisas importantes a respeito de sua mensagem ao mundo, ao homem e a criação como um todo.

## **A má contribuição platônica ao cristianismo**

Esse pensamento platônico que influenciou negativamente o pensamento cristão foi o dualismo platônico, este que é marcado por uma visão de mundo que enxerga as coisas transcendentais, que se encontram no mundo das ideias, como superiores as coisas terrenas, materiais, sejam elas quais forem, e isso está incluindo corpo, olhos, mãos, vida física, natureza etc., essas coisas são vistas em detrimento do que existe no mundo das ideias, comprometendo assim o seu valor e sua importância, com isso o platonismo nos convida a nos despir e nos soltar das coisas físicas e materiais. Bem observou e explicou a respeito desse pensamento Jean Grondin afirmando que de acordo com esse pensamento, o ser humano deve aspirar a despir-se do elemento corporal que o arrasta "para baixo". Ele deve inclinar-se para a realidade superior e torna-se, na medida do possível semelhante ao divino".<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> STEAD, 1999, p. 23.

<sup>14</sup> GRONDIN, 2012, p. 50.

Esse pensamento é contrário a teologia bíblica, pois segundo ela o homem não deve desconsiderar as coisas terrenas, ao contrário, deve olhá-la e admira-la e lembrar-se de seu criador ao observar que a beleza da criação remete e reflete a glória e a grandeza do criador, que viver nesta terra de forma plena e feliz, comendo do pão e bebendo do vinho também é louvar a Deus, ou melhor, como disse Eclesiastes, isso é presente de Deus (Ec 5:9), tudo o que há na terra deve ser abraçado e não repudiado, pois isto nos leva a Deus, (e isso não é panteísmo), muito bem observou Rubem Alves ao dizer: Tudo o que vive é pulsação do sagrado. As aves dos céus, os lírios dos campos... até o mais insignificante grilo, no seu cricrícrí rítmico, é uma música do Grande mistério.<sup>15</sup>

Infelizmente essa inserção do pensamento platônico na teologia tem atrapalhado as pessoas a viverem de modo integral nesse mundo, a teologia traduziu o mundo das ideias pelo mundo espiritual, isto é, em um lugar onde há anjos e demônios, bem em mal, luz e trevas, e é nesse lugar que o homem deve estar sempre atento e de olhos postos, é para essa realidade superior que o homem deve inclinar-se desmerecendo a realidade terrena, inferior, carnal, corrompida.

Ao fazermos essa observação não queremos negar a existência de uma batalha espiritual pois sabemos que a nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso contra as forças espirituais do mal, nas suas regiões celestes (Ef 6:12).

No entanto, essa visão que nos diz que devemos nos retirar para esse ambiente onde há essa batalha e nos desapropriar do nosso ethos e nos divinizar, despindo-nos do nosso corpo, é contrária a proposta bíblica da criação, muito bem esclareceu isso Ed Rene Kívitz:

Estamos indo contra a corrente divina quando tentamos deixar de ser gente e tentamos ser seres espiritualizados-etéreos. Ser gente vale mais que ser anjo... fomos criados para viver na atmosfera, não na "espiritofera". Quando fazemos pouco caso da nossa condição humana, desperdiçamos a melhor parte da criação de Deus.<sup>16</sup>

Além de atrapalhar a teologia em olhar o mundo e através dele desfrutar da beleza de seu criador e de nos influenciar a despir-nos de nossa humanidade para abraçarmos uma falsa "semelhança divina" e também de dizer que devemos considerar as coisas que há no "mundo

---

<sup>15</sup> ALVES, 2007, p. 55.

<sup>16</sup> KÍVITZ, 2009, p. 202.

das ideias" em detrimento do mundo no qual nos encontramos hoje, que é este presente, o dualismo platônico também nos influenciou negativamente a olhar e a nos relacionar de forma inadequada com a natureza e também com uma das características imprescindíveis que nos tornam humanos, que é o próprio corpo. Vamos falar primeiramente sobre a repercussão desse pensamento frente as questões ecológicas, isto é, da natureza.

Enquanto continuarmos acreditando na decadência da matéria, que a matéria é má e é inferior a tudo estaremos longes e afastados de envolvermos em movimentos que militam a favor da preservação da vida ecológica, da fauna e da flora, sustentados pela desculpa da transitoriedade do mundo e das coisas em relação a eternidade, e sobretudo apoiado por este discurso platônico dualista que permanece e influencia tudo isso mesmo sem as pessoas perceberem, e assim deixando-o passar por tudo isso despercebido. Júlio Zabatiero fez esta observação dizendo.

A essa cosmovisão dualista também pertencem outras características importantes para a teologia. Uma delas é a do dualismo entre natureza e cultura, ou seja, a afirmação de que a natureza (plantas, animais e minerais) é inferior ao ser humano, pois não possui a substância imaterial; enquanto a cultura - que é fruto da ação humana é a dimensão espiritual da realidade e, portanto, superior a natureza (falta de consciência ecológica é fruto desse tipo de dualismo).<sup>17</sup>

Como Júlio Zabatiero bem observou, essa visão equivocada tem gerado maus frutos, como a falta de consciência ecológica, falta essa que compromete não somente a vida da fauna e da flora terrestre, mas também a vida do ser humano que depende do fruto da terra para viver, terra esta que infelizmente tem sido tratada com inferioridade e desrespeito pela própria teologia que afirma que essa terra é criação de Deus. Esse desmerecimento pelas questões ecológicas tem contribuído para a destruição da camada de ozônio e assim destruindo o céu, esse que afirmamos que manifesta a glória de Deus.

A respeito disso, devemos traçar metas que nos impeça de sermos influenciado por esse pensamento dualista que gera em nós uma péssima consciência ecológica. É nosso dever perceber que o nosso desinteresse pela vida ecológica pode causar prejuízos para a vida, não só nossa, mas também de nossos filhos, netos e bisnetos. É papel da vida humana cuidar do que a mantém vivo e do que é

---

<sup>17</sup> ZABATIERO, 2006, p. 56.

imprescindível para sua existência, de forma que gera em nós um senso de dependência saudável, por estarmos tão envolvidos com a vida que nos gera vida, ou melhor, como estava escrito em uma parte da carta enviada a Franklin Pierce em 1855: O homem não teceu a trama da vida; ele é meramente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido fará a si mesmo.<sup>18</sup>

Outro motivo para combatermos essa falta de consciência ecológica é que a criação é obra e fruto da vontade de Deus, e que através dela Deus manifesta sua glória, seus atributos, sua excelência, sua beleza entre outras características, é nosso dever preservar essa criação que manifesta a beleza do nosso criador, outra vez Júlio Zabatiero nos alerta sobre as consequências desse pensamento, que gera um afastamento da vocação divina ordenada a nós:

Quando enxergamos a natureza como oposta ao espírito, não nos preocupamos com ela, e deixamos de cuidá-la e, assim, descumprimos a vocação divina da humanidade (dominar a terra e cuidar dela Gn 1 e 2). Para superar esse tipo de dualismo, precisamos renovar a nossa teologia da criação, para que esta encontre lugar na reflexão ética.<sup>19</sup>

Sendo assim, podemos ver que o cuidado e o interesse pelas questões ecológicas estão inteiramente ligados com a proposta bíblica do plano e da vontade de Deus para o homem, que visa protegê-la para o bem comum da vida de todos, para preservação da natureza que manifesta a glória de Deus e também por ser essa a nossa vocação, assim, dou voz a afirmação Calvino:

Portanto devemos ter tal sentimento e afeto que nos leve a considerar a presente vida como um dom da benignidade divina, dom que não devemos repudiar. Porque mesmo que não houvesse testemunhas das escrituras, a própria natureza nos exorta no sentido de que devemos render graças a Deus - porque nos criou e nos colocou neste mundo; porque nos sustenta e nos preserva nele; porque nos supre de tudo quando nos é necessário para a nossa subsistência na terra.<sup>20</sup>

Devemos então perceber essa má contribuição platônica na teologia e seus maus frutos, para que venhamos nos prevenir, e voltar

---

<sup>18</sup> CORTELLA, 2005, p.113.

<sup>19</sup> ZABATIERO, 2011, p. 82-83.

<sup>20</sup> CALVINO, 2006, p. 214.

atrás e nos conscientizar, mudando de mentalidade (arrependimento) a respeito da forma como vemos as questões ecológicas teologicamente, e que nós devemos cuidar e preservar deste mundo que embora transitório e perecível merece o nosso cuidado, que venhamos resgatar em nós o jardineiro que foi perdido e plantado no Éden, que tinha como missão cuidar do jardim e dos animais, sem se fazer escravos destes e sem também fazer destes seus escravos, mas cultivando um relacionamento interdependente, independentemente das estações.

Além do platonismo ter uma desconsideração pela forma de vida humana que diz que devemos não ser seres humanos e sim seres "etéreos-espiritualizados", e que esse pensamento também gera em nós uma falta de consciência ecológica, ele também nos remete a uma desconsideração muito grande pelo corpo físico em si, pela vida física do homem, por considerar a matéria desnecessária, como uma barreira, um empecilho que nos atrapalha na busca pela verdade. Isto influenciou muito a construção teológica já nos tempos da patrística e até os tempos de hoje, assim como afirmou Fernando Albano:

Principalmente, no período da patrística, o dualismo antropológico de origem platônica é facilmente diagnosticado. As máximas desse período relativas ao corpo comprovam: "O corpo é uma prisão, um tumulto (é preciso) arrancar a alma das "cadeias da carne", do laço com um cadáver. A carne é como um lado em que a alma não pode deixar de manchar-se e degradar-se" (SPIDLIK, 2002, p.345-346). Portanto, é inegável a forte influência dualista helênica no pensamento e na teologia cristã. Essa influência está presente até hoje na cultura ocidental.<sup>21</sup>

Vemos assim que o cristianismo permitiu se corromper por esse pensamento errado já nos tempos dos pais da igreja, e até hoje há ainda reflexo desse pensamento, e este se tornou um desafio a ser superado no momento, por exemplo pela teologia pentecostal, que o vê como uma ameaça ao corpo e a sã doutrina, que ao contrário do platonismo, não vê o ser humano como uma alma presa em um corpo, mas como um ser que possui várias dimensões que o constitui, em vista disso, Fernando Albano é um dos autores que escreve sobre o assunto visando acabar com essa falsa visão a respeito do homem, que tem que ser superada na teologia pentecostal nos tempos de hoje, por isso ele afirma:

---

<sup>21</sup> ALBANO, 2013, p. 69.

O antigo testamento compreende o ser humano "holisticamente" e não faz divisões entre corpo mortal e alma imortal, ou entre corpo e espírito... dentro de uma visão integrativa, os textos bíblicos apresentam o ser humano sempre como unidade indivisível.<sup>22</sup>

Em vista disso, já não podemos mais sustentar a ideia de que o corpo deve ser tratado de forma secundária, irrelevante, como membro humano descartável, mas como um membro humano que o constitui, que o faz "ser" ser humano e ser completo, inteiro, pois como afirmou Leonardo Boff: O homem é fundamentalmente um composto de duas substâncias em si incompletas: corpo e alma.<sup>23</sup>

Também não podemos deixar de valorizar o corpo por estarmos sustentados por uma ideia que nos ensina e nos prepara apenas para a morte, visando um cristianismo pós-morte, que apenas te prepara "para ir para a eternidade", enxergando a vida apenas como uma carga pesada a ser carregada, sem gozo, sem felicidade, sem algo de bom e de divino para ser vivido ainda nesta vida e ainda neste corpo, não podemos enxergar o evangelho apenas como um passaporte para o céu, mas também como estilo de vida presente, intrínseco ao caráter de Jesus, que nos chama não apenas para a eternidade ao lado d'Ele, mas também nos chama para a história, para viver o reino de Deus aqui e agora, que já foi implantado e que hoje nós devemos sinalizá-lo aqui e agora, não devemos enxergar o corpo apenas como um transporte, um intermediário que nos leva até esse lugar, ele não é um meio e por isso devemos preservá-lo, ao contrário, ele é um fim em si mesmo, a respeito disso afirma Bonhoeffer: Porém é importante que dos direitos da vida física faça parte não só sua preservação como um meio para um fim, mas também como um fim em si mesmo.<sup>24</sup>

A vida física é preciosa para o homem, não é algo descartável, negociável, mas algo do qual devemos cuidar, porque o homem é corpo, não é apenas alma, ou apenas espírito como alguns acreditam, mas ele é um ser indivisível, e que é corpo, e que tem a vida física como parte de si, novamente nas palavras de Bonhoeffer:

A vida física, que recebemos sem concurso nosso, traz em si o direito a preservação. Não é um direito roubado ou conquistado por nós, mas um direito

---

<sup>22</sup> ALBANO, 2013, p. 74

<sup>23</sup> BOFF, 1972, p. 67.

<sup>24</sup> BONHOEFFER, 1985, p. 90.

que, em sentido próprio, "nasceu conosco", direito recebido, portanto, cuja existência é anterior à nossa vontade, que repousa sobre o próprio ente. Como, de acordo com a vontade de Deus, vida humana só existe na terra como vida física, o corpo tem o direito à preservação em função do ser humano todo.<sup>25</sup>

Já nas palavras de Fernando Albano ao enfrentar esse problema da desvalorização do corpo na teologia pentecostal nos dias de hoje por conta do dualismo afirma:

Diante disso, o pentecostalismo deve-se ocupar-se em salvar o corpo como elemento fundamental da identidade humana, de modo que pode-se afirmar, o ser humano não possui corpo, pois na verdade ele é corpo.<sup>26</sup>

Ao fazermos um esforço para resumir essa influência negativa do dualismo platônico podemos fazer uso do pensamento de Wanderley Rosa, que ao fazer uma pesquisa sobre o assunto, afirma de forma bem clara sobre as implicações desse pensamento ao decorrer do pensamento e da história cristã:

A teologia cristã-platônica que tendeu ao menosprezo do corpo e privilegiou uma proposta de espiritualidade desencarnada, idealista, etérea e gnóstica desembocou em moralismo, em busca deliberada pelo martírio, em demonização do sexo e da sexualidade, em condenação de toda sorte de prazeres, em desenvolvimento de uma culpa endêmica na cultura ocidental, serviu de referência teórica para a defesa da "guerra justa", da violência física contra as vozes dissonantes dentro dos instrumentos de tortura dos tribunais inquisitórios e sua fogueiras que matavam o corpo para salvar a alma, serviu de suporte para a quase aniquilação dos povos ameríndios, a famigerada escravização dos povos africanos, a arrogante colonização europeia em várias partes do mundo. No caso da inserção do protestantismo no Brasil gerou repúdio da cultura tropical tupiniquim naquilo que havia de mais alegre, criativo e belo na sociedade brasileira:

---

<sup>25</sup> BONHOEFFER, 1985, p. 89.

<sup>26</sup> ALBANO, 2013, p. 70.

seus ritos musicais, seus instrumentos de percussão, suas danças regionais, suas festas populares, seu folclore. Acrescentamos as roupas típicas e próprias para um clima tropical, o prazer e o desfrute de suas belas praias, a espontaneidade do povo, as relações informais e, pecado dos pecados, a condenação das suas maiores paixões nacionais, o futebol e o carnaval.<sup>27</sup>

Embora o dualismo tenha influenciado a teologia desde os tempos da patrística até os dias de hoje, ele deve ser peneirado e filtrado, não permitindo que ele negue assim valores importantes da teologia como o amor ao mundo físico, preservação da natureza, do corpo, da vida física, e na evangelização como também em outras áreas. É necessário estarmos atentos e prontos para combater essas influências platônicas negativas para o bem-estar da igreja e da sociedade.

## Conclusão

A partir dessa breve análise da influência platônica no pensamento cristão vemos que muito da teologia foi formada e construída pela ajuda platônica, que a ajudou a identificar a linguagem necessária para construção de sua mensagem e que por isso se tornou mais compreensível para as pessoas da época, proporcionando ao cristianismo sua expansão e sua relevância social frente a alguns problemas da sociedade, e também da visão de mundo da época que foi enriquecida por causa da contribuição cristã, que foi ajudada por uma contribuição platônica, não só para resolver problemas exteriores a comunidade, mas interiores também, por isso, foi de grande ajuda para os concílios ao articular e sistematizar pensamentos para o fortalecimento e para o melhor entendimento da fé cristã pelos crentes em Jesus Cristo.

Mesmo frente a tantos benefícios não podemos fazer vista grossa diante da má contribuição platônica para o cristianismo que é o dualismo por exemplo, isso deve ser identificado e sanado, para uma melhor teologia. Que a teologia seja humilde e sincera em pedir ajuda ao platonismo quando for necessário, que ela o respeite e o reconheça e que andem juntos de mãos dadas quando necessário, sem uma anular a outra, mas contribuindo uma a outra.

---

<sup>27</sup> ROSA, 2010, p. 186-87.

## Referências

- ALBANO, Fernando. Dualismo Corpo/ Alma na Antropologia Pentecostal. In: OLIVEIRA, David Mesquiati (Org.) *Pentecostalismo e transformação social*. São Paulo: Fonte Editorial. 2013.
- BOFF, Clodovis, *Teoria do método teológico*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p.26.
- BOFF, Leonardo. *A Ressurreição de Cristo*. A nossa Ressurreição na Morte: a dimensão antropológica da esperança cristã. 2 ed. Petrópolis, Vozes, 1972.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 6 ed. São Leopoldo: Sinodal. 1985, p.90.
- CALVINO, João. *As institutas da Religião Cristã*: edição especial com notas para estudo e pesquisa. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, vol. 4.
- CHAMPLIN, Russell Norrnan, BENTES, João Marques. *Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia*. São Paulo - SP. Editora e distribuidora Candeia, 1991, p. 465.
- CORTELLA, Mario Sergio. *Não espere pelo epitáfio...* Provocações Filosóficas. ed. 3. ed.Petrópolis: Vozes ,2005, p.113.
- JAEGER, Werner. *Cristianismo primitivo e Paidéia grega*. Santo André: Academia cristã, 2014. p.19
- JUSTINO, Mártir, Santo Justino de Roma. *1 e 2 apologias*: diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995, p.37-38.
- KÍVITZ, Ed René. *O livro mais mal-humorado da Bíblia*: A acidez da vida e a sabedoria do Eclesiastes. São Paulo: Mundo Cristão, 2009, p.202.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*, volume1: história, cultura e religião do período helenístico. São Paulo: Paulus, 2005, p.148.
- KONINCK, Thomas De. *Os filósofos e a questão de Deus*. São Paulo-SP: Edições Loyola, 2009, p.20.

PANNENBERG, Wolfhart, *Filosofia e teologia: tensões e convergências de uma busca comum*. São Paulo: Paulinas, 2008, p.37.

ROSA, Wanderley. *O dualismo na Teologia Cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas consequências*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

STEAD, Christopher. *A filosofia na antiguidade cristã*. São Paulo - SP: Paulus, 1999. p.23.

ZABATIERO, Júlio P.T. et al. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2006, cap. 2. p.56.

ZABATIERO, Júlio. *Para uma Teologia Pública*. 2 ed. São Paulo: Fonte Editorial/Faculdade Unida, 2011, p.82-83.